

REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA: LIMITES, IMPRECISÕES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS



Luiz Izaac dos Santos Ribeiro

Doutorando Programa de Pós-Graduação em Literatura (Universidade de Brasília). Bolsista CAPES. Mestrado Interdisciplinar História e Letras (Universidade Estadual do Ceará).

E-mail: izaacribeiro@yahoo.com.br

Maria do Socorro Pinheiro

Doutorado em Literatura e Interculturalidade (Universidade Estadual da Paraíba), Pós-Doutorado em Linguagem e Ensino (Universidade Federal de Campina Grande), Mestrado em Letras (Universidade Federal do Ceará) e Graduação em Licenciatura Plena em Letras (Universidade Estadual do Ceará).

E-mail: socorro.pinheiro@uece.br

William Alves Biserra

Doutorado em teoria literária e Psicologia Clínica e cultura (Universidade de Brasília), Pós-doutorado em literaturas de língua inglesa (Universidade Federal de Minas Gerais) e em Literatura e psicanálise (Universidade Goethe em Frankfurt-am-Main). Professor adjunto de literaturas de língua inglesa na Universidade de Brasília (UnB), Psicanalista e líder do grupo de pesquisa literatura e psicologia (UnB).

E-mail: wiliamalvesbiserra@gmail.com



DOI: 10.56372/desleitura.s.v14i14.219

Resumo: O presente ensaio investiga criticamente a pertinência do uso do termo “regionalismo” na literatura brasileira, com foco especial no chamado “romance de 1930”, marco da segunda fase do modernismo. Tradicionalmente, parte dessa produção literária foi classificada como “regionalista”, sobretudo no contexto nordestino. Entretanto, a reflexão teórica conduzida neste estudo questiona essa categorização, uma vez que, conforme afirma Feitosa (2021), toda obra de arte é universal por essência, visto que representa a condição humana independentemente de sua localização. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica, baseada em levantamento de livros, artigos, dissertações e teses, que possibilitaram a construção de uma reflexão fundamentada. Os resultados apontam que o regionalismo esteve fortemente associado a movimentos políticos e culturais do Nordeste nos anos 1930, refletindo seu espírito de valorização identitária. Contudo, a aplicação desse conceito à literatura revela-se inadequada, pois obscurece sua universalidade. Conclui-se, portanto, que a noção de regionalismo deve ser revista, a fim de se evitar reducionismos e ampliar as possibilidades interpretativas da crítica literária.

Palavras-chave: Regionalismo literário. Modernismo brasileiro. Crítica literária. Universalidade da literatura.

Abstract: This essay critically investigates the relevance of the term “regionalism” in Brazilian literature, with a special focus on the so-called “1930 novel,” a landmark of the second phase of modernism. Traditionally, some of this literary production has been classified as “regionalist,” especially in the Northeastern context. However, the theoretical reflection conducted in this study questions this categorization, since, as Feitosa (2021) states, every work of art is universal in essence, representing the human condition regardless of its location. From a methodological perspective, this is a qualitative, descriptive, and bibliographical study, based on a survey of books, articles, dissertations, and theses, which enabled the construction of a well-founded reflection. The results indicate that regionalism was strongly associated with political and cultural movements in the Northeast in the 1930s, reflecting its spirit of identity valorization. However, applying this concept to literature proves inadequate, as it obscures its universality. It is therefore concluded that the notion of regionalism must be revised in order to avoid reductionism and expand the interpretative possibilities of literary criticism.

Keywords: Literary regionalism. Brazilian modernism. Literary criticism. Universality of literature.

INTRODUÇÃO

De acordo com a organização dos períodos literários, isto é, a divisão histórica e estética da literatura brasileira, o “romance de 1930” se configura como um dos marcos da segunda fase do modernismo. Parte dessa literatura também recebe a classificação de “regionalismo literário”, especialmente aquela literatura escrita no Nordeste do Brasil.

Todavia se considerarmos o que Feitosa (2021, p. 34) assevera sobre a literatura que “toda obra de arte é universal”, então, dizer que determinada obra é regionalista não seria o mesmo que ferir o princípio maior da literatura, que é exatamente retratar a condição humana independentemente de sua localização? Ou então, seria realmente possível se pensar a literatura como regionalismo?

O presente texto tem origem na pesquisa realizada para a dissertação de mestrado cujo título é *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Memorial de Maria Moura* (1992) em perspectiva: um estudo arquetípico das protagonistas (Ribeiro, 2020). Para esta publicação foram feitas alterações e aprofundamentos necessários.

Por conseguinte, objetivo desta investigação é refletir sobre a inadequação do uso do termo “regionalismo” para designar um período estético ou classificar uma obra literária. A propositura de uma perspectiva crítica alternativa ao discurso que reafirma o regionalismo como categoria estética é uma das relevâncias dessa discussão.

Quanto a justificativa para este ensaio, ela consiste na ampliação em torno da abordagem dos romances modernistas cujo eixo temático envolve a região e/ou a denúncia social, evitando reducionismos e equívocos

que levem a classificações mais propensas a minimizar a relevância das obras do que a organizá-las.

Os resultados da investigação apontam que o uso do termo regionalismo está bem relacionado com o movimento político da época, e inclusive, traduz proficientemente o sentimento de valorização político cultural do Nordeste. Contudo, a aplicação do termo regionalismo para a literatura é um equívoco, porque limita os romances, negando-lhes a sua pretensão de representar/dizer o nacional, o universal.

No que se refere aos aspectos metodológicos, um momento fulcral foi o levantamento bibliográfico, complementado por leituras e análises de livros, artigos, monografias, dissertações e teses, que subsidiaram a reflexão sobre o tema. Além disso, a pesquisa adota abordagem qualitativa, por concentrar-se na construção de sentidos sociais, investigando o “regionalismo literário” a partir das relações sociais e de suas dinâmicas.

Quanto à classificação, trata-se de um estudo de natureza descritiva, uma vez que apresenta fatos e fenômenos da realidade. No que tange aos procedimentos, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, pois examina o conceito central da investigação sob diferentes perspectivas teóricas.

Por fim, este trabalho se configura como um ensaio acadêmico que se debruça sobre a reflexão crítica e a fundamentação teórica em torno do questionamento ao vocábulo *regionalismo* e o seu uso no domínio discursivo da teoria literária. Com essa problematização, busca-se não apenas evidenciar as limitações conceituais e históricas associadas ao termo, mas também propor alternativas de leitura e interpretação que favoreçam uma compreensão

mais ampla, precisa e crítica das obras e movimentos literários frequentemente enquadrados sob essa designação.

A INADEQUAÇÃO DO TERMO “REGIONALISMO” NA CLASSIFICAÇÃO LITERÁRIA: REFLEXÕES TEÓRICAS E CRÍTICAS

É bastante comum encontrar nos livros didáticos, e até mesmo por parte de pesquisadores da academia, a utilização do termo “Regionalismo” para se referir à literatura brasileira produzida em 1930 em diante, especialmente àquela escrita no Nordeste brasileiro. Entretanto, embora o uso dessa taxionomia seja recorrente, ressalte-se que ela soa inapropriada para tal, haja vista o termo em si não designar necessariamente uma estética, mas um lugar geográfico, físico etc.

Além disso, eis o que escreve Feitosa (2021, p. 34): “[...] uma vez que, sendo a literatura universal, ela não pode ser reduzida a um espaço geográfico. Se por regional se entende a expressão das particularidades de uma região, então toda obra é regional, e aí não faz sentido o uso do termo”. Sob essa perspectiva a terminologia – regionalismo – passa a ser contestada pela crítica literária, *vide* o livro *Pé-de-fogo: o regionalismo entre a política e a estética* (2021) de Nabupolasar Feitosa, que serve de referência para este texto.

Assim, para fomentar essa discussão em torno do uso da nomenclatura “Regionalismo”, convém destacar que o ensaísta Gilberto Freyre (1900-1987), nos idos de 1920 “[...] usava o regionalismo como descrição de um movimento sociocultural visando a fortalecer seu posicionamento político frente ao abandono do Nordeste

açucareiro pelo poder central, controlado por cafeicultores” (Feitosa, 2021, p. 27).

Com efeito, a iniciativa de Freyre insere-se no quadro mais amplo das práticas discursivas de cunho regionalista, cuja legitimação e difusão são reforçadas pelo *Manifesto Regionalista* – documento programático cuja primeira edição somente veio a público em 1952.

Neste caso, Freyre lidera um movimento político de exaltação do regional e de valorização das suas tradições, em face da decadência sofrida pelos estados do Nordeste brasileiro no que se refere ao seu prestígio político. Esse movimento enaltecendor da região se institucionalizou com a criação do Centro Regionalista do Nordeste em 1924.

Em outras palavras, o movimento regionalista do Nordeste não tinha como propósito criar uma escola literária, uma classificação estética, havia, sim, desejo de influenciar a todos os ramos da sociedade para que tudo isso, como forma de identidade, se tornasse capital político para os fins listados no programa do Centro Regionalista do Nordeste (Feitosa, 2021, p. 41).

Então, pelo que se pode perceber, além de regionalismo não se constituir como um termo cuja semântica indique estética, os intelectuais que o cunharam dentro do pensamento social e ensaístico brasileiro, o fizeram tendo como objetivo político a defesa do Nordeste como sendo um lugar de tradição cultural.

Desde já, faz-se mister destacar que “regionalismo” define muito apropriadamente o que foi a disputa ideológica e política de valorização do Nordeste, o que por coincidência à época se deu concomitante a segunda fase

do Modernismo brasileiro. Porém, já para a literatura o termo representa um problema.

Porque, para o movimento político principiado por Freyre, regionalismo foi usado com propósitos bem específicos, ratificando-se como um termo geográfico utilizado para reafirmar o pensamento social e ideológico em ascensão. Para a literatura, pelo contrário, regionalismo soa inapropriado, insuficiente para definir uma estética; ainda mais, considerando o que foi o “romance de 1930”.

Assim, regionalismo não consegue significar com profundidade, e nem magnitude, aquilo que os literatos produziram ao longo da segunda fase do modernismo literário brasileiro, a começar porque o termo em si não define um modo específico de expressão artística. Nesse sentido, convém pontuar que “geração de 30”, por vezes chamada de regionalista, tem a sua obra reduzida à temática do sertão ou mesmo à denúncia social, ignorando-se por consequência todo o discurso sobre a condição humana que atravessa essas mesmas obras.

Desse modo, ocorre, pois, um questionamento, por que então se percebe nos textos de crítica literária (ou até mesmo nos livros didáticos) a insistência em reafirmar a palavra “regionalismo” como classificação para as obras literárias, sobretudo aquelas que foram escritas no Nordeste do Brasil na década de 1930?

De acordo com a historiografia literária brasileira, a segunda fase do Modernismo teve como apogeu o romance. Inclusive Bosi (1994) salienta que as décadas de 30 e 40 são lembradas como “a era do romance brasileiro”, enquanto que Espínola (2012, p. 69) alude: “Ainda do chão árido do Nordeste, saltará com força o chamado romance de 30, que tentará, entre outros aspectos, sur-

preender o linguajar dos personagens da região, situando-os, porém, num contexto crítico social de resistência ao clima e desamparo social”.

Apesar de toda a beleza metafórica usada pelo autor acima citado para definir o romance de 30, cabe-nos destacar um contraponto sobre a genialidade dos/as escritores/as nordestinos/as, que brota dessa terra apesar de “árida”, e não somente *salta* como diz o escritor, ao contrário, cria raízes, finca-se nessas paragens, mostrando o Nordeste sobre outros aspectos.

Há que se considerar que o empenho dos modernistas era justamente contribuir com a formação de um discurso nacional que forjasse a identidade brasileira sob uma perspectiva que fosse além de *sui generis*, fosse também independente dos ecos ou das influências de outros movimentos artísticos de além-mar, como por exemplo os do velho mundo.

Segundo Albuquerque (2011) o contexto sócio-histórico do século XX fez com que essa tentativa de redefinir a identidade nacional espraiasse na “descoberta do regional” e isso fez emergir discursos que reivindicaram “compreender a nação”. Os intelectuais buscaram dialeticamente nas partes a compreensão do todo, e levando em consideração a realidade local, ou seja, o particular, o reivindicaram como uma síntese da identidade do país.

E aqui é fundamental evidenciar essa investida estética das(os) escritoras(es) modernistas brasileiras(os) ao apostarem em temas como o sertão, a desigualdade social *etc*, pois isso não permite que essas obras sejam classificadas como “regionais”; pelo contrário, o projeto estético delas é retratar a condição humana, isto é, aquilo

que há de mais indissociável de todas(os) mulheres e homens de todos os tempos.

E se, dessa forma, poderíamos destacar algum diálogo que se estabelece entre a literatura modernista da geração de 1930 e o movimento político regionalista, é tão somente quanto ao fato de os literatas(os) destacarem o Nordeste como ambiente e cenário para muitas de suas narrativas. Escolha estética essa que colocou o Nordeste em destaque e reforçou o discurso do referido movimento político, sem, contudo, perder de vista o caráter universal da literatura (O que é incontestado).

Dentre aquelas(es) que fizeram parte “Romance de 30” se pode citar, a escritora Rachel de Queiroz (1910-2003), uma das precursoras do movimento com o romance *O quinze* (1930), e ao seu lado está Jorge Amado (1912-2001). Ambos corroboraram com o modernismo, legando “[...] a esses anos a tônica da participação, aquela “atitude interessada diante da vida contemporânea”, que Mário de Andrade reclamava dos primeiros modernistas” (Bosi, 1994, p. 430).

Pontue-se que esses são apenas dois exemplos de projetos literários, dentre tantos, que se inscrevem na lista do Romance de 1930; e que se caracterizam por tecerem narrativas fortes trazendo para o cerne do debate a representação de um Brasil a partir de um ponto de vista até então inexplorado.

Prosseguindo nessa reflexão sobre literatura brasileira e regionalismo, precisamente se pensarmos de acordo com a ideia de se classificar uma obra literária como regionalista (caso fosse possível), pelo simples fato de representar em sua narrativa as paisagens naturais brasileiras, assim diríamos que toda a literatura

brasileira é regionalista, até mesmo aquela surgida com o barroco brasileiro.

À luz dessa perspectiva, pode-se pensar conforme observa Coutinho (1999, p. 267), “neste sentido, pode-se afirmar que a maior parte da ficção brasileira é de fundo regional”, uma vez que, em nossa literatura, reverberam a paisagem, os dilemas humanos e as experiências vividas nos mais diversos lugares do país.

Isso porque ao longo de toda a tradição literária, isto é, na linha sucessória de escolas e movimentos estéticos literários brasileiros, é perceptível um louvor exagerado à natureza e às paisagens brasileiras; esse é o caso do romantismo ocorrido em pleno século XIX. Então, por que a poesia de Gonçalves Dias (1823-1864), por exemplo, não é classificada como regionalista?

Com essa reflexão queremos destacar que a literatura romântica se voltou para o Brasil num louvor intenso dos seus cenários, ambiências, linguagens e pessoas, de uma forma idealizada; e nem mesmo por isso foi considerada regional. Não distante, a idealização da natureza brasileira é a insígnia máxima – por assim dizer – do romantismo, por isso foi vista por Afrânio Coutinho (1999) como escapismo romântico.

Nessa mesma perspectiva, ainda considerando o processo ideológico do século XIX, no qual também ali se ambicionava construir uma identidade para o Brasil, é inegável que autores como Bernardo Guimarães (1825-1884), José de Alencar (1829-1877), Franklin Távora (1842-1888), Visconde de Taunay (1843-1899), entre outros, abordaram o tema do sertão, os costumes da época típicos de sua região, sem, no entanto, assumirem esse viés político e social.

Na escola subsequente, que foi o realismo, em meados da década de 80 do mesmo século XIX, no que se refere à literatura com “face regionalista”, persiste a forma de inovação e inventividade, que podemos exemplificar com a obra *Dona Guidinha do Poço* (1952) de Oliveira Paiva (1861-1892). A persistência da temática regional é como que uma tentativa dos literatos de transformarem a realidade do sertão numa ficção e através dela representar a (re)existência como metáfora da condição humana.

Com o advento do modernismo e as consequências dos seus investimentos ideológicos e estéticos, mais precisamente com o lançamento do romance *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, deu-se um surto romanesco, sobretudo no Nordeste, ao lado do *Manifesto Regionalista* (1952) de Gilberto Freyre.

Todavia, a literatura brasileira ao representar o sertão aspirava dialeticamente abordar o particular, com a pretensão de dizer esteticamente o universal (conforme já destacado mais acima). Essa premissa, ao que parece tão cara as/os escritoras(es) modernas(os), transcende qualquer discussão ideológica e ou política que possivelmente implique o contexto histórico da época.

Ao tomar, por exemplo, uma obra como *Memorial de Maria de Moura* (1992) de Rachel de Queiroz, ali se encontra toda uma narrativa sobre emancipação feminina, poder, solidão, ruptura de *status quo etc*, todos esses temas além de não serem regionais, não se deixam ser exprimidos por essa palavra. Logo, reduzir a uma obra a nomenclatura regionalismo além de insuficiente, é também torná-las menores.

Toda a discussão desenvolvida até aqui contribui para ampliar a compreensão acerca da abordagem dos

romances modernistas cujo eixo temático é a região e/ou a denúncia social, evitando-se, assim, reducionismos e equívocos que resultem em classificações mais voltadas a minimizar a relevância das obras do que a organizá-las.

Doravante, destacaremos aspectos relevantes dos romances modernistas da geração de 1930, iniciando-se pela construção de personagens. Sobre tudo a estrutura das protagonistas, em especial, merece atenção, porque conforme assevera Albuquerque:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas (2011, p. 65).

Com essa iniciativa, os escritores nordestinos transformaram suas obras em representações da região e de seu povo, retratando sua ampla diversidade cultural, a paisagem natural e histórica, bem como os temas recorrentes da vida sertaneja, reafirmando o Nordeste como componente fundamental da diversidade brasileira.

A construção estética de personagens marcantes evidenciou um *ethos* brasileiro, caracterizado pela força e coragem, até então pouco visível à nação. Assim, o modernismo, especialmente em seus romances da segunda fase, empreendeu a redescoberta de um Brasil mais autêntico e fiel à sua realidade.

Além disso, um outro ponto a ser destacado do “Romance de 1930” é o movimento de descentralização da produção artística, que outrora convergia predominantemente para o polo Rio de Janeiro-São Paulo. Mar-

ques (2015, p. 138) considera como uma renovação das “imagens regionais do Brasil e dos seus intelectuais”.

Naturalmente esse novo discurso, que “salta do Nordeste” se envolverá numa disputa de poder e forças para conquistar hegemonia entre aqueles que institucionalizaram a identidade nacional, sobretudo essa disputa pode ser vista entre Nordeste e Sudeste, porque o regional foi considerado um elemento importante da identidade para dizer o Brasil, segundo Santos (2009).

Então, grande parte dos romances, que surgiram nesse período, abordará temas que estão ligados à cultura popular e a vida do Nordeste; necessariamente um mundo patriarcal e escravocrata de desigualdades sociais abismais, não perdendo de vista o contraposto ao academicismo que era um dos ideais do modernismo. Com esse foco narrativo no social os romances ficaram conhecidos por suas denúncias. Araújo (2011, p. 5) diz:

O chamado “romance de 30” desenvolveu a crítica social como uma dominante construtiva da narrativa, de modo a acrescentar à questão das inovações técnicas – conquista das vanguardas históricas incorporada à literatura brasileira no início da década de 1920 – a representação das tensões sociais como o elemento caracterizador da noção de “moderno” do momento.

Ao romper com o psicologismo que anteriormente afastava as narrativas de um caráter mais real e histórico, a geração de 1930 privilegiará o aspecto da verossimilhança com o real. Por isso os romances estão repletos de beatos, de espiritualidade, de cangaceiros, de mulheres guerreiras, *etc*, todos estes ambientados num cenário que é o *grande sertão* cheio de *veredas* e possibilidades.

Para Albuquerque (2011, p. 137) “esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias, foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional”. E será justamente esse olhar sensível para o local, que revelará uma parte imprescindível da identidade brasileira.

Ainda, de acordo com Albuquerque (2011) os romancistas de 1930 fizeram da memória a sua matéria-prima. A própria Rachel de Queiroz define o conjunto de sua obra como memorialística. Aguiar (2018) registra que a escritora preferia chamar o romance de 30 de “romance-documento” ou “documentário”. Isso nos leva a compreender que o diálogo proficiente com o passado, refletido nas obras, é uma tentativa de preservação da cultura e da identidade do povo brasileiro.

Paralelamente a essa estética, o olhar sociológico intrínseco às obras em questão contribuiu para superar a imagem do Nordeste como um espaço exótico e marcado por adversidades climáticas, representação esta amplamente difundida no restante do país, em grande medida, pelo discurso da imprensa escrita da época.

Nesse sentido, o romance da década de 1930 desempenhou papel fulcral na construção de uma nova percepção sobre a região, revelando-a em sua realidade, e não mais sob uma perspectiva depreciativa. A “geração de 1930”, portanto, consolidou o Nordeste como território de autêntica brasilidade.

O modernismo brasileiro tem parte dos seus ideais consolidados com o surgimento do “Romance de 1930” principalmente no que cerne à “incorporação dos diferentes Brasis, que substituísssem o Brasil *camouflé*, Brasil

de elite afrancesada” (Albuquerque, 2011, p. 63). E certamente um dos legados desse movimento é a chancela concedida a *região* como parte incontestada na construção de um “todo-brasileiro”, sem o qual é impensável a ideia de um Brasil, brasileiro.

Caminhando para o final deste ensaio, antes, porém, de se chegar às considerações finais, gostaríamos de destacar que embora haja uma certa aceitação da nomenclatura “regionalismo” para se referir à obras literárias; por todo o exposto ao longo deste trabalho, verifica-se (1) a incompatibilidade do termo, considerando aqui a sua semântica; (2) Regionalismo tem a ver com um movimento político e intelectual que estava preocupado com a valorização da região enquanto território político e não com a criação de uma estética literária. E (3) quando se leva em consideração o debate em torno do que é regional e do que é o universal, geralmente o primeiro é subjugado ou subestimado em relação ao segundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propósito de considerações finais, faz-se mister asseverar que a literatura legada ao Brasil a partir de 1930 se empenhou em representar a condição humana, os seus dramas, os seus símbolos e diversidades, a partir de uma determinada região do Brasil. E desse modo, evidenciou concomitante, um outro olhar sobre o País e também uma síntese da identidade nacional.

Assim, na literatura modernista brasileira, especialmente a que foi escrita na segunda fase, está inscrita a identidade de um povo que tem desafios, sofre injustiças, intempéries; entretanto, esses são dilemas enfrentados

por qualquer povo em qualquer lugar do mundo (ressalvadas as proporcionalidades). Logo, não há porque chamar essa literatura de regionalista, pois antes de qualquer coisa ela é universal.

Nessa perspectiva, caso tal taxonomia fosse adotada, toda a literatura brasileira poderia ser considerada regionalista, pois, desde suas primeiras manifestações, a paisagem e os estereótipos nacionais têm servido como elementos estruturantes das narrativas, concebidas para representar e simbolizar o Brasil.

Além do mais, é fundamental não perder de vista que os intelectuais empenhados no movimento político de valorização do Nordeste, como uma região de cultura e de tradições, nunca pretenderam criar uma estética que fosse regionalista, atendo-se exclusivamente à literatura. Seu objetivo, sim, era intelectual e político.

Por fim, considerando o propósito dos modernistas de dar voz ao povo brasileiro por meio da incorporação da linguagem popular como recurso estético, verifica-se mais um argumento que questiona a adequação do termo *regionalista* à literatura. Tal estética, frequentemente rotulada como regionalista, buscou representar de forma autêntica as questões humanas em sua essência, ultrapassando as fronteiras geográficas e revelando a dimensão universal da experiência literária.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAUJO, Humberto Hermelgido de. Regionalismo e modernização como representações literárias. *Anais...* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11, 2008, São Paulo. São Paulo: Hucitec: Abralic: 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/040/HUMBERTO_ARAUJO.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. Vol. 5. São Paulo: Global, 1999.

FEITOSA, Nabupolasar Alves. *Pé-de-fogo: o regionalismo entra a política e a estética*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. *A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará*. 2015. 172f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

RIBEIRO, Luiz Izaac dos Santos. *Tereza Batista cansada de guerra (1972) e Memorial de Maria Moura (1992) em perspectiva: um estudo arquetípico das protagonistas*. 2020. 111f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) – Curso de Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2020.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, Caxias do Sul, v. 1, n.2, p. 02-26, jul./dez. 2009.

